

quartos, reflete sobre a harmonia final. "Os núcleos fazem sentido como coleções, como se fossem de um morador."

Além do concreto armado, a espacialidade contínua e as rampas, semelhantes às incluídas no projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, compõem a estrutura projetada pelo arquiteto que liderou a Escola Paulista. Alguns elementos fogem à estética brutalista do movimento, como o uso das cores nos banheiros, corredores e no vitral que liga a garagem ao jardim hoje repleto de esculturas. Essa espécie de liberdade é reforçada por obras como as de Galan. "Escolhi usar cores que mimetizam com a casa, mas que também geram contraste. No fim, optei por trabalhos mais silenciosos e que se conectam com o lugar pela questão cromática." Ele faz parte da leva de contemporâneos escolhidos para compor a mostra bem perto de ícones como o carioca Heitor dos Prazeres e Alexander Calder, conhecido por criar móveis de variados tamanhos, pesos e formas. "Escolhemos novos artistas que dialogam com o espaço da casa ou com a própria arquitetura. As obras de nomes consagrados vêm para fazer com que as pessoas saiam de casa para ver a exposi-

HISTÓRIA

Anos 1960: Artigas projetou prédio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

ção", pontua Filipe Assis, curador e idealizador de ABERTO 02.

Lydia Domschke, que ali viveu até setembro do último ano, ocasião de sua morte, era bióloga e se preocupou em cultivar árvores frutíferas, assim como as volumosas folhagens restauradas que tomam os jardins. Virginia Artigas, esposa do arquiteto, era artista e apreciava a cultura popular, tendo ganhado uma sala com seu nome e peças artísticas relacionadas ao tema. Marcius Galan, que integra o quadro da mostra, está acostumado a olhar para a arquitetura dos espaços onde apresenta seu trabalho.

TEIA DE RELAÇÕES

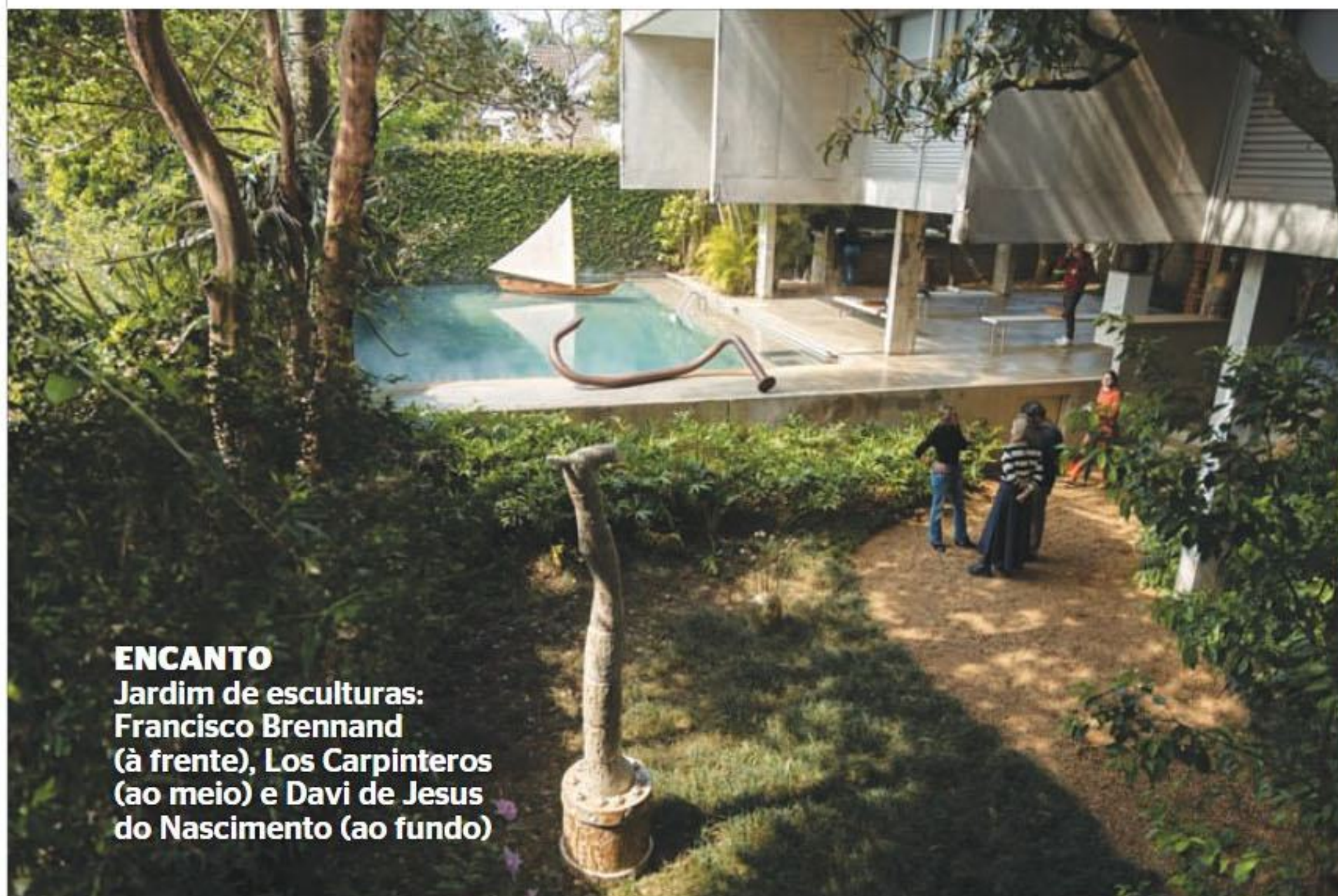
São inúmeras as relações criadas por meio das obras que ocupam o mesmo espaço, mas que atravessam o tempo, conectando nomes de diferentes movimentos artísticos. Há um fio condutor entre as diferentes épocas, como lembra Claudia. "É possível ver uma conexão grande entre artistas e obras, porque, às vezes, há uma mesma maneira de olhar



o mundo." A mostra acende uma luz para os artistas, mas coloca o holofote sobre o arquiteto. "A exposição tem como papel atrair a atenção para esses tipos de casa da arquitetura moderna, que estão sendo perdidas para a especulação imobiliária", comenta Filipe sobre a oportunidade de ocupar esse espaço com a segunda edição de ABERTO, que também conta com a curadoria de Kiki Mazzucchelli. "Essas casas, por várias questões, como manutenção, correm o risco de serem demolidas se não são tombadas", complementa Claudia. ABERTO 02 vai até 17 de setembro, na Rua Comendador Elias Zarzur, 2036, em São Paulo. ■

AO REDOR

Diálogo com espaço: curador Filipe Assis em banco de Amelia Toledo, cercado por cobogó de Humberto Campana



ENCANTO

Jardim de esculturas: Francisco Brennand (à frente), Los Carpinteros (ao meio) e Davi de Jesus do Nascimento (ao fundo)

